

## Assassinatos selectivos e intolerância política: O caso dos membros do ANAMOLA

- O espectro político moçambicano continua assombrado pela actuação impiedosa de esquadrões da morte que se espalham por diversas regiões do país. Com raízes que remontam aos primórdios da democratização do país, estes grupos, que operam sob a sombra do aparelho securitário do Estado, têm tido como principais alvos opositores políticos, jornalistas, académicos, activistas e defensores de direitos humanos — em suma, todos aqueles que se recusam a alinhar-se com o pensamento dominante do poder político.





Nos últimos anos, e particularmente desde a crise pós-eleitoral de 2024, os alvos preferenciais passaram a ser indivíduos associados ao projecto político de Venâncio Mondlane, actual presidente do recém-criado partido Aliança Nacional por um Moçambique Livre e Autónomo (ANAMOLA).

Só no mês de Maio de 2026, dois membros destacados do ANAMOLA foram assassinados. Trata-se de Anselmo Abílio Vicente, delegado político do ANAMOLA em Chimoio, morto a tiro na noite de 9 de Maio de 2026, e de Pedro João Chaúque, militante do partido na província de Gaza, assassinado a tiro dentro da sua própria residência no dia 16 de Maio de 2026.

Este fenómeno revela o elevado nível de intolerância e violência política existente em Moçambique. Tal realidade resulta, por um lado, de um profundo défice democrático e da crescente instrumentalização das instituições estatais para fins de perseguição e eliminação de adversários políticos.

#### O INÍCIO DAS INCURSÕES DOS ESQUADRÕES CONTRA MEMBROS DO ANAMOLA

A actual onda de assassinatos de pessoas ligadas ao projecto político de Venâncio Mondlane teve início imediatamente após as eleições gerais de 2024, amplamente contestadas por denúncias de irregularidades e fraude eleitoral.

O primeiro grande episódio foi o assassinato de Elvino Dias e Paulo Guambe, ocorrido a 19 de Outubro de 2024. Durante os protestos pós-eleitorais que se seguiram, vários apoiantes e simpatizantes do projecto político liderado por Venâncio Mondlane perderam a vida em circunstâncias violentas.

Contudo, o momento mais sombrio ocorreu quando diversos jovens apontados, segundo relatos e rumores amplamente difun-



**Só no mês de Maio de 2026, dois membros destacados do ANAMOLA foram assassinados. Trata-se de Anselmo Abílio Vicente, delegado político do ANAMOLA em Chimoio, morto a tiro na noite de 9 de Maio de 2026, e de Pedro João Chaúque, militante do partido na província de Gaza, assassinado a tiro dentro da sua própria residência no dia 16 de Maio de 2026.**



dos, como integrantes da “espinha dorsal” das manifestações pós-eleitorais passaram a ser alvo de uma campanha de perseguição, marcada por incursões nocturnas, raptos e assassinatos.

Entre as vítimas destacam-se Paulo Jaime Paulo, assassinado em 5 de Janeiro de 2025; Eugénio Raúl Madeira, assassinado em 10 de Janeiro de 2025; Leão de Deus Nhachengo, assassinado em 15 de Março de 2025; Daniel Ricardo Guambe, assassinado em Março de 2025; Rafito Sebastião Siteo, assassinado em Março de 2025; Arlindo Chissale, assassinado em Janeiro de 2025.

#### ESQUADRÕES DA MORTE: UMA TRADIÇÃO SOMBRIA NO CONTEXTO POLÍTICO MOÇAMBICANO

A existência de esquadrões da morte em Moçambique não constitui um fenómeno novo. Desde os governos de Joaquim Chissano, passando pelos mandatos de Armando Guebuza e Filipe Nyusi, têm sido recorrentes as denúncias sobre a actuação de grupos clandestinos utilizados para intimidar, perseguir ou eliminar opositores políticos e indivíduos considerados inconvenientes para o poder.

Inicialmente, muitas das suas acções estavam associadas à eliminação de pessoas ligadas a esquemas de corrupção ou detentoras de informações consideradas sensíveis para figuras influentes do Estado. Os actos eram frequentemente executados de forma discreta, durante a noite, em locais isolados da cidade de Maputo e arredores.

Fora da capital, estes grupos concentraram grande parte das suas acções contra membros e simpatizantes da Renamo, sobretudo em distritos considerados bastiões eleitorais

da oposição. Em províncias como Manica, Sofala, Gaza, Zambézia e Nampula, diversos relatos apontam para perseguições, assassinatos e deslocações forçadas de militantes opositoristas, muitos dos quais procuraram refúgio em igrejas ou junto de familiares.

#### A INTENSIFICAÇÃO DA VIOLÊNCIA DURANTE O CONSULADO DE FILIPE NYUSI

A actuação dos esquadrões da morte tornou-se particularmente preocupante durante os dez anos da presidência de Filipe Nyusi.

Em 2015, poucos meses após a sua tomada de posse, o constitucionalista Gilles Cistac foi assassinado em Maputo. Cistac era uma das vozes académicas mais influentes na defesa da descentralização política, proposta então defendida pela Renamo como condição para o fim do conflito armado.

Nos anos seguintes verificou-se uma escalada de ataques contra jornalistas, activistas, observadores eleitorais e defensores de direitos humanos.

O assassinato de Anastácio Matavel, activista cívico e observador eleitoral, em 7 de Outubro de 2019, na cidade de Xai-Xai, representou um dos episódios mais chocantes desse período. O crime, cometido em plena luz do dia, evidenciou a vulnerabilidade dos actores cívicos e a persistência de mecanismos de violência política em contextos eleitorais.

#### DANIEL CHAPO VAI DESMANTELAR OU MANTER OS ESQUADRÕES DA MORTE?

A grande questão que hoje se coloca é sa-



ber se o Presidente Daniel Chapo terá a coragem política e a determinação institucional necessárias para desmantelar estas estruturas clandestinas de violência ou se permitirá a continuidade de uma prática que tem marcado a história política recente do país.

#### CONCLUSÃO

Os esquadrões da morte representam uma grave ameaça à democracia, aos direitos humanos, à paz e à estabilidade de Moçambique.

O elevado nível de intolerância e violência

política observado no país não pode ser explicado apenas pela fragilidade das instituições democráticas. Trata-se de um problema de captura e instrumentalização do Estado para fins partidários.

Enquanto persistirem assassinatos selectivos, intimidações e perseguições contra opositores, activistas e defensores de direitos humanos, Moçambique continuará distante dos ideais de Estado de Direito, pluralismo político e respeito pelas liberdades fundamentais consagradas na Constituição da República.




## MISSÃO

*Inspirar e impulsionar ações para proteger os direitos humanos,  
fortalecer a democracia e promover a justiça.*

### INFORMAÇÃO EDITORIAL:

**Propriedade:** CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** André Mulungo  
**Autor:** CDD  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschield, Cidade de Maputo.  
Telefone: +258 21 085 797

 CDD\_moz  
**E-mail:** [info@cddmoz.org](mailto:info@cddmoz.org)  
**Website:** <http://www.cddmoz.org>

### PARCEIROS DE FINANCIAMENTO